

# Territórios Marginais dos Desejos: dissidências, resistências e prostituição feminina

Marginal Wishes Territories: dissent, resistance and female prostitution

## **Luciana Codognoto da Silva**

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/Assis - Brasil

lupsico.codognoto@gmail.com

## **José Sterza Justo**

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/Assis - Brasil

justo@assis.unesp.br

## **William Siqueira Peres**

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/Assis - Brasil

epereswilliam@gmail.com

### Resumo

Nesta pesquisa, buscamos problematizar importantes aspectos ligados ao âmbito da prostituição feminina adulta em um município localizado no interior do Estado de São Paulo. Utilizamos-nos das contribuições teóricas elencadas pelos Estudos Culturais, pela Teoria Queer e demais vertentes referenciadas pelos estudos de gêneros, pelas sexualidades e processos de subjetivação em paralelo à análise de relatos de histórias de vida de duas mulheres vinculadas ao contexto da prática sexual comercial no município pesquisado. A partir das informações apresentadas, observamos as múltiplas histórias de mulheres em vias de resistências a dados padrões de feminilidade, onde o fator econômico nem sempre atuará com preponderância para a entrada/permanência feminina na prática sexual comercial, especialmente, hoje, quando os relacionamentos tendem a ser estabelecidos pela confluência de interesses múltiplos.

**Palavras-Chave:** Corporalidades; Processos de Subjetivação; Prostituição Feminina.

### Abstract

In this research, we discuss important aspects related to the scope of the adult female prostitution in a municipality located in the State of São Paulo, Brazil. We rely on the theoretical contributions provided by the Cultural Studies, the Queer Theory and other aspects referenced by gender studies, by sexualities and other subjective processes, in parallel with the analysis of the reported life stories of two women linked to the context of commercial sexual practice in the studied city. From the presented informations, we observed multiple stories of women in the process of resistance to some standards of femininity, and come to the conclusion that the economic factor is not always preponderant for the entry/residence in female commercial sex practice, especially today, when relationships tend to be established by the confluence of multiple interests.

**Keywords:** Corporeality; Processes Subjectivity; Prostitution Women.



Não sou de ninguém!  
Eu sou de todo o mundo e  
Todo o mundo é meu também!  
(Tribalistas, 2002).

## Introdução

A epígrafe deste texto é um trecho de uma das músicas do álbum intitulado *Tribalistas*, lançado em 2002, que reuniu três renomados artistas da música popular brasileira – Marisa Monte, Arnaldo Antunes e Carlinhos Brown. Esta bem sucedida produção musical, muito bem recebida pelo público, com aproximadamente dois milhões de cópias vendidas no Brasil e no exterior, pode ser tomada como importante registro e como expressão de significativas mudanças nas relações afetivas e nos modos de ser que assinalavam a emergência de configurações subjetivas de toda uma época.

O tribalismo, ao qual o título do álbum alude, se refere a mudanças marcantes na estrutura do sentimento e nas formas de perceber e sentir a si mesmo e o outro; mudanças nas experiências do tempo e do espaço, com todos os desdobramentos que isso poderá ter no plano político, social e psicológico. A letra da música título do álbum pode ser tomada como o manifesto do tribalismo proposto por este trio de músicos: o tribalismo é um anti-movimento que vai se desintegrar no próximo momento. Logo, o tribalismo: 'pode ser e deve ser o que você quiser; não tem que fazer nada, basta ser o que se é; chegou o tribalismo, mão no teto e chão no pé' (TRIBALISTAS, 2002).

Conforme acentua Pereira (2013), tal manifesto ganha ainda mais sentido quando tomado como um intertexto que dialoga com outros movimentos artísticos culturais, tal como o tropicalismo e demais vertentes e representantes da música popular brasileira, como é o caso de Chico Buarque, marcando

com eles algumas diferenças, dentre elas, a de se colocar como um anti-movimento e almejar não a continuidade no tempo e no espaço, mas exatamente o seu oposto, ou seja, a sua desintegração no próximo momento.

Assim, também, no trecho da epígrafe e em outras partes desta mesma música e de outras que compõem o álbum, falam-se de relacionamentos fluídos, abrangentes, circulantes, mutantes, não aprisionados a um espaço fechado, circunscrito e restrito e nem há um tempo paralisante destinado a eternizar os relacionamentos e os afetos. Os *Tribalistas*, à feição do Harvey (2010), se referem ao cerne do pós-moderno, que celebra a efemeridade, o provisório, o descontínuo, o fragmentário, uma experiência de compressão do tempo e espaço, que, fundamentalmente, alarga fronteiras espaciais e faz acelerar o tempo

Tendo em vista o objetivo principal deste nosso estudo, é importante destacarmos as mudanças relacionadas às sexualidades e aos gêneros na condição de efemeridade, fluidez, provisoriidade, fragmentação, movimentação e caos que permeia o que poderíamos chamar de 'tribalismo pós-moderno'. O trecho da epígrafe 'Não sou de ninguém! Eu sou de todo o mundo e todo o mundo é meu também!' alude a um tipo de relacionamento muito diferente dos clássicos relacionamentos fechados e restritos a círculos unidos e exíguos, como os da família mononuclear/patriarcal burguesa ou reduzidos a dois, como no caso dos casais, sejam homo ou heterossexuais.

Alude, ainda, a relacionamentos constituídos em espaços abertos, aliás, capazes de abarcar “todo mundo” e não se sustentarem em sentimentos de posse e dominação, conforme ocorreu com o amor romântico (GIDDENS, 1993). Sob o sentimento de poder 'não ser de ninguém', mas sim, de poder 'ser de todo mundo' e,

ainda, 'de todo mundo poder ser seu também', se abrem para as mulheres novas experiências de si e dos outros, novas experiências do tempo e do espaço pelas vias da feminilidade, incluindo as experiências permeadas pelas sexualidades e suas dissidências ou, em termos foucaultianos, as experiências permeadas por resistências (FOUCAULT, 1988). Assim, para os propósitos deste nosso estudo, interessar-nos-á percorrer os espaços psicossociais da prostituição, enquanto lugares que permeiam os processos de subjetivação feminina.

O cenário da assim chamada prostituição feminina, o qual retratamos neste estudo, é caracterizado pela oferta de relações sexuais por mulheres biológicas, mediante pagamento de valores previamente estabelecidos. Entretanto, tal caracterização sumária da prostituição feminina, centrada na comercialização do sexo pago, não explicita importantes nuances das relações de saber/poder/prazer nela existentes, como também não alude à diversidade de situações concretadas e de acontecimentos vivenciados por estas mulheres, intrincados pelo que Preciado (2008) denominou de dispositivos políticos que produzem as diferenças de classes, raças/cor, gêneros e sexualidades e, acrescentamos, ainda, a produção de experiências baseadas nas resistências (FOUCAULT, 1988).

Partindo desses pressupostos, objetivaremos evidenciar importantes aspectos relacionados à prostituição de mulheres adultas ou de bio-mulheres (PRECIADO, 2008) e suas relações com uma das principais características da chamada pós-modernidade – a relação com o espaço-tempo – de maneira a problematizarmos como os corpos destas mulheres, outrora, considerados socialmente dissidentes e transgressores, passam, agora, a questionar novos lugares e olhares em distintos contextos sociais. Para tanto, utilizaremos os referenciais teóricos

elucidados pelos Estudos Culturais e *Queer*, bem como os Estudos de Gêneros em paralelo com a análise de relatos de histórias de vida de duas mulheres inseridas no cenário da prostituição em um município de médio a pequeno porte populacional, localizado no interior do Estado de São Paulo – SP.

### Prostituição Feminina: revisitando debates

Na perspectiva que adotamos neste estudo, a chamada prostituição feminina é problematizada enquanto movimento e conjunto de forças psicológicas, sociais, culturais e também econômicas e políticas que se entrecruzam em espaços e tempos determinados e em sujeitos em constante construção. Assim, entendemos tais pressupostos a partir da ideia de processo e de trânsito. Por isso, em vez de recorrermos aos termos 'subjetividades e/ou somente subjetivações', utilizamos 'processos de subjetivação', tendo como referência, principalmente as análises de Braidotti, que em sua obra *Sujetos Nômades* (2000), destaca a figura do nômade como sujeito de passagem, que não estabelece conexões restritas e que não aceita os limites impostos por uma identidade fixa. Em outras palavras, segundo Sibilia (2002, p.09), “uma das características que melhor definem o homem/a mulher(s) é, precisamente, a sua indefinição: a proverbial plasticidade do ser humano”.

Trata-se de novos olhares que contemplam a ideia de sujeitos no plural e não mais de indivíduo – como aquele que não se divide e que está totalizado – segundo bem afirmou Peres (2013). Sujeitos estes que vão se constituindo em constante processo de permanências, rupturas/desconstruções, resistências e devires frente a diferentes padrões dados como regimes de verdade e jogos de poderes em distintas instâncias de

produção do saber normativo, principalmente quando pensamos na imagem histórica, social e culturalmente instituída das mulheres pelas diferentes vias e aspectos dos marcadores sociais de gêneros e das sexualidades.

Nesta perspectiva, é necessário destacarmos que uma das mais importantes e peremptórias linhas que compõe os processos de subjetivação feminina na sociedade pós-moderna e que daremos maior ênfase nesta pesquisa é o que faz referência às relações de gêneros, tal qual De Lauretis (1994) já havia salientado em seus estudos. Para ela, os gêneros são produzidos por tecnologias/maquinarias de produção, pautando-se em princípios médicos, religiosos, jurídicos e educacionais. Enfim, os gêneros são efeitos de várias tecnologias sexuais que se interligam segundo um poder maior – o do Estado.

Butler (2003) observa a questão dos gêneros enquanto significado cultural assumido pelo corpo sexuado. Ademais, os gêneros designam, ainda, segundo esta autora, um aparato de produção cultural, mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Relata-nos Butler acerca da categoria gêneros: “[...] é o meio discursivo/cultural pelo qual ‘a natureza sexuada’ ou ‘um sexo natural’ é produzido e estabelecido como ‘pré-discursivo’, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura” (BUTLER, 2003, p. 25).

Durante muito tempo, as mulheres foram vistas socialmente a partir de uma figura universal feminina – centrada nos ideais de maternidade e domesticidade – estando seus corpos associados restritamente ao sexo biológico e aos pressupostos de fêmea a ser fecundada pelo macho. Anteriormente destinado a gerar filhos e, por sua vez, portador de uma invisibilidade histórica e social em contextos exteriores à vida privada, os corpos femininos passaram, a partir do

Movimento Feminista de 1960, a questionar o lugar de reprodução e de enfermidades atribuídos às mulheres pelas teorias biologizantes e, em especial, passaram a se tornar espaços de muitos debates políticos. Entretanto, tais debates ainda estavam centrados em ideais heteronormativos, que pouco abarcavam as mulheres em suas multiplicidades.

De acordo com Preciado (2011), o principal equívoco gerado pelo Movimento Feminista Patriarcal de 1960 foi o de conceber as mulheres como uma categoria social indiferenciada, generalizada e, até mesmo, excludente. Ademais, a autora destaca sua posição contrária aos princípios que dirigem olhares à natureza, ao afirmar que, por trás da aparente neutralidade e universalidade do termo mulher, apregoada pelo movimento feminista patriarcal, se ocultam multiplicidades de vetores de produção dos processos de subjetivação, os quais, mediante termos cunhados por De Lauretis (1994), ela denomina de subjetividades excêntricas.

São essas subjetividades em constante processo e que resistem a dadas normas histórico-sociais de gêneros e sexualidades que objetivamos problematizar com mais veemência neste estudo, buscando escapar das pressuposições patriarcais, misóginas, essencialistas e androcêntricas. Logo, compartilhamos do posicionamento de Butler (2003), ao afirmar que, quando falamos ou tentamos definir o que é uma mulher, mesmo que no plural, aquilo que é usado para definir essa mesma mulher tende a ser reducionista e toma o detalhe como uma marca isolada e totalizadora. Em suma, para a referida autora (2003, p. 54), “aquilo que define uma mulher, certamente não é tudo o que ela é”. Da mesma forma, as mulheres ligadas à prática da prostituição, certamente, não poderíamos reduzi-las a uma totalização – ser apenas prostituta.

Ao fazer referência às corporalidades obsoletas e às tiranias do upgrade, Sibilia (2002), respaldando-se nas ideias de Foucault (1988) e Deleuze (2000) destaca que:

Se o inimigo é a opinião, o estabelecido, as verdades consideradas eternas e universais, a proposta é abrir uma fenda na segurança do já pensado para deixar passar a riqueza do ainda não pensado, como um raio impetuoso capaz de alterar aquilo que é. Em vez de percorrer os caminhos já traçados pelas formas pregnantes do bom-senso, então, uma abordagem mais instigante seria a de fazer como se nada fosse evidente, desconfiar de tudo e apontar para a apropriação do caos na criação permanente de novos conceitos (SIBILIA, 2002, p. 20).

Diante disso, é necessário pensarmos em outros aspectos que se promulgam em expressões humanas que não coadunam com marcadores que se convertem em estigmas sociais – tanto de raças/cor e classes quanto de gêneros e sexualidades. Estes, por sua vez, devem ser pensados também pelo viés das resistências, denunciando, de uma vez por todas, que os seres humanos, em especial as mulheres, não se restringem a uma unidade monolítica de existência, mas se compõe por múltiplos devires que pedem passagem e se afirmam como multiplicidades, descontinuidades e multidão, segundo bem afirmaram Haraway (1995) e Preciado (2011).

Historicamente, podemos dizer que a prostituição de mulheres adultas é bastante remota, sendo denominada por muitos de a profissão mais antiga do mundo. Logo, o termo mais popularmente conhecido – prostituta – fazia alusão às mulheres desta

antiga profissão em Roma, que ficavam em frente dos possíveis clientes, fazendo exibição do corpo a ser oferecido. Daí, a insurgência do termo *prostituere*, em português: prostituir-se. Paralelamente, muitas metáforas vêm sendo utilizadas para fazer referência às mulheres ligadas à prática sexual remunerada. Na Grécia, há relatos sobre mulheres tocadoras de flautas e harpas, além das dançarinas que se utilizavam das artes em geral para desencadear processos de sedução nos homens gregos. Nas obras de Platão, o termo cortesã é utilizado como sinônimo de mulheres que ofereciam prazeres carnavais aos homens. Mais tarde, falava-se também em concubinas e meretrizes como forma de se referir às mulheres ligadas ao cenário da prostituição e, hoje, são utilizadas outras expressões, tais como acompanhantes e garotas de programa.

Com o advento do capitalismo, o corpo passou a ser percebido socialmente como cardápio a ser pago a cada gesto ou a cada parte dele utilizada. Assim, expressões como profissionais do sexo passaram a ganhar maior expressão na mídia e em alguns estudos que voltaram seus olhares à prostituição enquanto profissão a ser regulamentada no país, conforme atestam, dentre tantos outros, os estudos de Olivar (2013). Mais precisamente na pós-modernidade, muitas pesquisas têm se dedicado a realizar diferentes análises em torno do fenômeno da prostituição feminina, possibilitando outras formas de se pensar e, sobretudo de problematizarmos tal processo. Para pesquisadores ligados ao cenário cristão, representados pelas Pastorais Sociais vinculadas à Igreja Católica e aos Movimentos e Instituições Evangélicas, o termo mais utilizado para se referirem às mulheres que exercem atividades sexuais remuneradas no país tem sido mulheres prostituídas, conforme apontam os estudos realizados pela Conferência Nacional dos

Bispos do Brasil – CNBB (1976/1995) e pela Pastoral de Apoio à Mulher da Região Sul (1998). Em suma, para tais instâncias, essas mulheres são percebidas enquanto vítimas, tanto de um sistema social e econômico, quanto de distúrbios familiares e de personalidade, um objeto sexual passivo e carente de poder.

Outras vertentes, como aquelas utilizadas, na Espanha, por Osborne (2004) e, no Brasil, por Piscitelli (2013), enfatizam os termos trabalhadoras sexuais, trabalhadoras do sexo e trabalhadoras do mercado sexual para fazer referência às mulheres espanholas e brasileiras em situação de trânsitos nos mercados transnacionais do sexo. De maneira revolucionária, Gabriela Leite contrapõe o termo profissional do sexo surgido como advento do capitalismo, e passa a caracterizar as mulheres ligadas ao cenário da prostituição de putas, conforme evidenciamos em depoimento/livro que conta sua trajetória de vida cotidiana e profissional à Marcia Zanelatto (2009) e repercutida em tantos outros estudos, como os de Olivar (2013). Importante lembrarmos que a prostituição feminina não se restringe a uma visão monolítica e abalizada apenas por relações de poder. Ao contrário, tal fenômeno delata também o reducionismo calcado no essencialismo e na naturalização dos corpos, marcados segundo um viés identitário da imagem – socialmente construída – das mulheres ligadas ao cenário da prostituição, percebidas restritamente enquanto vítimas, perversas e imorais. O que evidenciamos, através de Butler (2003), que é inspirada por Foucault, é que as ações exercidas pelo poder trazem em seu bojo contrapoderes, ou seja, resistências que mostram possibilidades de outras existências, que ampliam e apontam que os corpos, sobretudo das mulheres, não se restringem às submissões esperadas pelos padrões heteronormativos.

Assim, no âmbito da relação tempo-

espaço, o fenômeno da prostituição esteve, durante muito tempo e em diferentes contextos, associado restritamente às questões de classe social. Acreditava-se que o que levaria as mulheres a se prostituírem seria apenas a necessidade de sustento financeiro de si e da família. Já na chamada pós-modernidade, pesquisas respaldadas em autores como Deleuze (2000), Foucault (1988) e Haraway (1995) trazem outros olhares (indiretos) para essas novas demandas, ao denunciar que tal fenômeno necessita de novas problematizações, contrapondo à grande variedade de pesquisas que limitam suas análises ao mercado do sexo em grandes metrópoles, em áreas turísticas brasileiras, no tráfico internacional de mulheres e no comércio sexual em fronteiras, de maneira a restringir as mulheres ligadas ao cenário da prostituição a olhares patologizantes, excludentes e, sobretudo, vitimizadores. Em contraponto, é preciso disseminarmos olhares diferenciados para as novas demandas reivindicadas pelas mulheres em situação de abjeção social – entendida como ausência de direitos e de acesso à cidadania – como bem evidenciou Butler (2003). Em suma, a estreita relação da prostituição com as sexualidades e, particularmente, com a feminilidade a torna um poderoso analisador da chamada bioidentidade feminina e dos processos de subjetivação que buscam escapar e subverter os padrões considerados universais de ser mulher, os quais despontam, na atualidade, como importantes modos de resistências femininas que deverão ser mais bem problematizados nas discussões acadêmicas elencadas, sobretudo pelas ciências humanas.

Logo, compartilhamos das ideias debatidas por Piscitelli (2013), ao relatar que as realidades de inserções e permanências das mulheres no mercado do sexo pago são infinitamente as mais variadas. Ainda, segundo a autora, devemos levantar novas e

distintas problematizações sobre as mulheres enquanto sujeitos múltiplos, constituídos em permanentes processos de rupturas e resistências de gêneros e das sexualidades. Tais discussões em torno da prostituição feminina adulta se mesclam às histórias de vida das mulheres que entrevistamos durante esta pesquisa, denotando modalidades marcadamente diferentes de intercâmbios econômicos, resistências e formas distintas de vivenciar afetos e prazeres em seus diferentes corpos.

### Metodologia

Esta pesquisa foi realizada em um município localizado no interior do Oeste Paulista. Trata-se de uma típica cidade interiorana do Estado de São Paulo, contando, aproximadamente, com um número populacional de 100 mil habitantes. Surgiu com o avanço da colonização do interior paulista capitaneado pela lavoura do café e pela pecuária, no início do século XX. Posteriormente, foi sede regional da administração pública, concentrando um número expressivo de funcionários públicos. A indústria nunca prosperou com força nesta cidade, que, hoje, possui um setor de serviços expressivo do comércio e de instituições de ensino superior.

Até a década de 1960 existiu nesta cidade uma zona de meretrício clássica, situada na periferia e bastante conhecida em toda região. Atualmente, o município possui três 'boites', tal como são chamadas as casas noturnas frequentadas por homens, onde são realizados espetáculos de *streptease* e onde as mulheres se oferecem sexualmente aos clientes mediante relações sexuais/eróticas em troca de pagamentos previamente estabelecidos entre ambos.

Além das *boites*, existem pontos de encontro em determinadas ruas onde travestis e mulheres se oferecem sexualmente, à noite,

a clientes que buscam ali programas sexuais pagos. Outra importante forma de contato e negociação de relações sexuais, mediante pagamento, se dá pela internet, via anúncios em sites especializados ou em salas de bate-papo. Existem, também, os chamados agenciadores – homens e mulheres – que, à feição dos antigos cafetões e cafetinas, fazem a intermediação entre aquelas que poderíamos chamar de prestadoras de serviços sexuais e seus clientes. Assim sendo, nossa pesquisa de campo foi realizada mediante entrevistas semi-estruturadas com mulheres de idades, classes sociais e raças/cor distintas e graus de escolarização e de envolvimento com prática de sexo em troca de dinheiro diferenciadas uma das outras. No início da entrevista, depois do *rappont* inicial, solicitávamos à entrevistada que relatasse sua história de vida e como se principiou na realização de programas sexuais pagos. Na medida em que a participante relatava suas experiências de vida, fazíamos outras perguntas, visando o esclarecimento de algumas passagens de suas falas ou a complementação de informações necessárias para o alcance dos objetivos alvitados nesta pesquisa.

Para os propósitos deste artigo, selecionamos dois casos de duas diferentes mulheres ligadas à prática sexual remunerada no município pesquisado, os quais relataremos a seguir e discutiremos posteriormente a partir das contribuições teóricas elencadas pelos Estudos Culturais, pela Teoria *Queer* e pelos Estudos de Gêneros realizados no âmbito das pesquisas e das leituras de diferentes vertentes teóricas.

## Relato dos casos

### Caso Juliana

Juliana é uma jovem de 22 anos, que começou a fazer programas sexuais pagos com 17 anos, atraída por uma amiga que já fazia parte do círculo de uma agenciadora. Morava com a família pobre, considerada estruturada. Afirmou-nos que começou a fazer programas pelo dinheiro. Necessitava dele para suas despesas pessoais como diversão, vestuário e outros sonhos de consumo e descobriu pela amiga que essa era uma forma de ganhar a vida “facilmente”. Inclusive, se preocupava em esconder da família e de outras amigas, tentando dissimular seus gastos totalmente incompatíveis com o que recebia de alguma ajuda financeira dos pais.

Com 19 anos teve uma filha de um relacionamento com um namorado, que não assumiu a paternidade. Quando a gravidez estava nos últimos meses, deixou de fazer programas, mas quando ainda estava amamentando a filha, por volta dos quatro meses, voltou a fazê-los. Como não tinha total disponibilidade, conforme exigia a agenciadora, começou a fazer contatos diretamente com aqueles clientes mais assíduos e que também aceitavam sua condição de jovem mãe lactante. Confessou que alguns dos clientes até apreciavam o fato de estar amamentando. Durante este período, os programas diminuíram bastante, ficando restrito a alguns poucos clientes, porém, com aumento de seus ganhos financeiros.

Quando a filha completou aproximadamente um ano, Juliana resolveu procurar emprego e logo conseguiu, com carteira assinada, no comércio. Continuou, porém, fazendo programas, mas, agora, com uma limitação maior de horários por conta do trabalho e da filha e mesmo ainda quando tinha namoros considerados estáveis.

Indagada sobre o porquê continuava fazendo programas, já que não eram sua fonte de renda principal, disse-nos, aparentando bastante convicção, que ainda precisava daquela fonte complementar e que, se um dia conseguisse uma renda suficiente para o custeio de suas despesas, deixaria os programas.

Um detalhe importante na fala de Juliana é que ela não se referia a si como “garota de programa” e nem se referia aos seus relacionamentos com os clientes como um 'programa'. Era comum titubear ao buscar um nome para sua atividade e comumente utilizava a expressão 'isso que eu faço'. Notamos, em sua dificuldade para nomear-se nestas relações de sexo por dinheiro, um claro tom condenatório e de auto-recriminação pelo que fazia. Disse várias vezes que 'achava errado isso que fazia', mas que precisava do dinheiro. Mesmo com a auto-recriminação, mostrava-se alegre e contente quando nos relatava sua história e nos contava seus casos como 'isso que eu faço'. Dizia que grande maioria dos programas era até divertidos, ainda mais quando teve que selecionar seus clientes. Nunca se disse arrependida e parecia, no fundo, conciliada com sua vida dupla.

### Caso Luana

Luana é uma mulher de 37 anos. Tem uma família convencional, dessas que se diz bem estruturada e de classe média. Concluiu um curso superior, mas, sem conseguir um emprego e já com uma idade que considerava avançada para depender dos pais, sentia-se inferiorizada e com uma vida muito difícil no plano econômico. Relutava em pedir dinheiro para o pai e, com isso, passava muita necessidade, segundo ela.

Nesta situação, conheceu pela internet, numa sala de bate-papo, um homem casado que lhe propôs custear todas suas despesas,



inclusive uma casa para morar e lhe destinar ainda uma mesada, em troca, claro, de sua total disponibilidade para fazer sexo com ele. Topou esta proposta e mudou-se para uma cidade vizinha onde morava o proponente. Permaneceu com essa pessoa por aproximadamente dois anos. No entanto, o relacionamento se desgastou e houve o seu término. Sem qualquer fonte de renda, entrou em desespero, segundo contou-nos, chegando a ter dificuldade até para as compras de produtos básicos de alimentação.

Em busca de outro parceiro que lhe bancasse como o anterior, investiu em contatos pelas salas de bate-papo. Foi conhecendo e saindo para encontros sexuais, às vezes, recebendo algum dinheiro, outras vezes, não, até que, segundo ela mesma nos disse, 'de repente, me vi fazendo programas'. Ao perceber que podia resolver seus problemas financeiros fazendo programas, se auto-empresendendo pela internet, dedicou-se, com afinco, no agenciamento de clientes. Segundo ela, os melhores clientes são homens acima de 40 anos e casados. Estes pagam bem, fazem programas rápidos, precisam manter sigilo e indicam outros colegas, do mesmo perfil, como possíveis clientes. Segundo disse, a captação de clientes por indicação de outros é o melhor meio de divulgação e auto-empresendimento de uma garota de programa, porque permite ir selecionando a clientela e obter maior rentabilidade.

Neste período, seu pai começou a insistir para que ela abrisse, numa pequena cidade da região, um pequeno negócio semelhante ao dele. O pai a tinha como uma filha já um tanto madura, desempregada e sem uma profissão definida, embora tivesse concluído um curso superior na área de informática. Segundo ela, seu maior receio era o de que pudesse ser descoberta como garota de programa, principalmente pela família. Desta forma, fazia os contatos com clientes pela

internet e atendia apenas homens de outras cidades como estratégia para proteger o sigilo absoluto de seu trabalho.

Luana acabou atendendo ao pedido do pai; mudou para a pequena cidade vizinha e com sua ajuda abriu o negócio que ele tanto havia sugerido. Rapidamente conseguiu solidificar o empreendimento e obter uma renda econômica estável em paralelo com a sua atividade profissional de *blogueira* e, mesmo assim, continuou fazendo programas, porém um pouco menos pela limitação dos horários. Disse-nos, enfaticamente, que gostava de fazer programas e que mesmo se ficasse rica ou ganhasse na loteria, acreditava que continuaria a fazê-los.

Contou-nos que, certa vez, recebeu uma proposta para fazer um programa, numa festinha *privê*, com cinco homens ao mesmo tempo. Receberia um bom cachê, mas, além do dinheiro, ficou muito interessada, curiosa e excitada com ideia de transar com cinco homens. Esse programa acabou não vingando e ela teria ficado muito frustrada por não poder realizar a fantasia de ser o centro de uma 'suruba' e ter muitos homens à sua volta, disputando-a. Foi muito taxativa ao dizer-nos que gostava de fazer programas, que sentia muito prazer com a maioria dos clientes e que, inclusive, se sentia muito valorizada e realizada como mulher. Numa das entrevistas comentou: 'muitas mulheres têm dificuldades para arranjar homens, para namorar e transar. No meu caso, eles até pagam para ficar comigo. Me sinto bastante desejada'. Acrescentou que deixaria os programas apenas se viesse a se apaixonar e a viver com alguém.

Luana nos disse que separa bem sua 'vida normal' da sua vida de "garota de programa", por isso mesmo, ninguém suspeita de sua vida dupla. O codinome Luana, para ela, não é apenas um artifício para se identificar para seus clientes, mas é uma personagem com a qual ela mesma se identifica profundamente.

É seu lado mulher 'puta', 'devassa', 'gostosa', 'vadia', 'cachorra', como diz gostar de ser chamada quando está transando com seus clientes. Refere-se a eles como “meus meninos”, embora todos tenham certa idade, a maioria, mais de 50 anos.

### Discussão

Dentre as várias experiências de tempo e espaço da feminilidade, tais como aquelas vividas no ambiente do trabalho, nos afazeres do cotidiano, na família e em tantos outros, destacamos, também, aquelas referidas às sexualidades. Historicamente, a sexualidade da mulher foi bastante utilizada como meio de produção da espacialização e temporalização da feminilidade. A casa de família e o prostíbulo são exemplos clássicos e paradoxais de como as sexualidades foram tomadas como poderosos instrumentos de espacialização geográfica, social, psicológica e política das mulheres ao longo dos tempos e em diferentes contextos sociais.

Nos relatos de Juliana e Luana, tais pressupostos ficaram evidenciados, ao expressarem medo de que as pessoas, em especial suas famílias, pudessem descobrir suas vidas paralelas e “clandestinas” no contexto do trabalho remunerado. Tal privacidade de gueto, percebida em ambos os discursos, denota o que Foucault (1977) já advertira sobre a ideia de corpos dóceis e úteis e o que Butler (2003) prenunciara a respeito da ideia de corpos abjetos, os quais, segundo ela, relacionam-se a todo tipo de “[...] corpos cujas vidas não são consideradas ‘vidas’ e cuja materialidade é entendida como ‘não importante’” (BUTLER, 2003, p. 23).

Cabe lembrar que feminilidade e prostituição estiveram e ainda continuam bastante associadas, mediante relações cada vez mais complexas. A figura clássica da prostituta confinada em uma zona de meretrício e execrada moralmente como

signo de depravação da mulher e da degradação da sexualidade feminina, como era típico das sociedades disciplinares descritas por Foucault (1977), se encontra modificada na atualidade, acompanhando mudanças nos padrões da própria feminilidade e das sexualidades dentro do quadro mais geral das profundas transformações que alguns autores, como Harvey (2010) e Lyotard (2000), nomeiam como sendo a pós-modernidade.

Este fato mostrou-se reforçado na fala de Luana, quando ressaltou o significado de seu codinome enquanto parte de seu lado 'devassa', 'puta', 'gostosa', 'vadia' e 'cachorra'. Assim, Luana, em seu discurso, desconstrói a ideia vitimizadora das mulheres ligadas ao cenário da prática sexual remunerada, de maneira a deixar transparecer sinais visíveis de subversão e resistência à lógica binária dos sexos e de uma identidade (singular) feminina calcada, restritamente, no corpo passivo e dócil enquanto território sagrado da reprodução e circunscrito no espaço doméstico e privado. Seu discurso vem ao encontro das experiências vividas e relatadas por Gabriela Leite (2009), ao destacar sua posição contrária ao termo profissional do sexo, proposto pelo movimento feminista patriarcal de 1960, o qual, segundo ela, vitimizava essas mulheres. Para Gabriela Leite, a prostituição é um trabalho como outro qualquer, em que as prostitutas e, mais especificamente, as designadas por ela de putas vendem não somente seus corpos, mas, sobretudo fantasias sexuais, sonhos e prazeres. Em *Devenir Perra*, Itziar Ziga (2009) tece críticas potentes as diferentes formas de misoginias pelas quais muitas mulheres tendem a enfrentar, ainda hoje, em distintos espaços sociais. Em formato de provocação, *Devenir Perra* (2009) se apresenta, segundo ela, como uma bomba relógio disparada ao feminismo recatado – branco, heterossexual, de classe média e

européia. De acordo com a autora, os termos puta e perra (cachorra em português) têm designado e produzido uma forma de feminilidade fortemente sancionada, marginal e vergonhosa na sociedade. Em contraponto, Ziga (2009) nos propõe feminilidades desessencializadas e desmarcadas do corpo biológico e reinscritas em formato de subjetividades móveis e sempre incompletas de mulheres múltiplas e mutantes que desconstróem a ideia quimérica e recatada de feminilidade.

Apesar de a questão financeira desempenhar importante papel na entrada e permanência feminina no cenário da prostituição, nem todas as mulheres se inserem/mantém nesta prática em decorrência da falta de dinheiro. É importante ressaltarmos que outras hierarquias encontram-se presentes neste processo, dentre elas, a manutenção de um determinado padrão de vida, a possibilidade de experimentar novas formas de vivenciar as sexualidades e seus prazeres e a manifestação da ação das resistências a um dado padrão universal de feminilidade, fatores potencialmente percebidos nos relatos de Luana, ao ressaltar-nos os significados exóticos dados ao seu codinome e ao deixar transparecer, em vários momentos de sua fala, a possibilidade e a sua consequente permanência no contexto da prostituição, quando melhores oportunidades financeiras passaram a surgir em sua vida, demarcando, dessa forma, uma espécie de heterogeneidade das relações no campo estudado, segundo bem evidenciou Pasini (2000).

Nos relatos de ambas as mulheres, encontramos sinais de desconstruções de um modelo de prostituição feminina calcado na ideia de vitimização e de ausência de poder da mulher (prostituta) sobre o homem (cliente). Este fato está associado às possibilidades de escolha/seleção dos clientes a serem atendidos tanto por Juliana quanto

por Luana durante os programas sexuais pagos, o que, segundo elas, possibilita não somente uma forma meramente econômica, mas, possibilidades de vivenciar outras formas de prazeres e de liberdades de seus corpos, no sentido de empoderá-las e demarcar novas territorialidades no âmbito da prostituição, segundo bem salientaram Andrade e Teixeira (2004).

Todos estes aspectos nos possibilitam pensar nos versos da letra da música demarcada enquanto epígrafe deste estudo. Eles nos evidenciam a alusão ao fato de que alguém 'não ser de ninguém' implica em poder 'ser de todo o mundo', ou seja, a não exclusividade acompanhada da transitoriedade das relações afetivas e sexuais se expandindo para as experiências de vida das mulheres. Neste pequeno trecho da música de os *Tribalistas*, a figura da mulher é apresentada não mais aprisionada a um modelo ideal e uníssono de feminilidade. Ao contrário, novas experiências passam a serem possíveis às mulheres, remetendo-as à ideia de pluralidade, multiplicidade, transitoriedade e processo em contraponto à noção de indivíduo enquanto ser que não se divide e não passível a mudanças, que não se transforma e que é incapaz de resistir às forças que incidem sobre ele e que possa a vir a modelá-lo

Ademais, a desintegração no próximo momento, evidenciada por Chico Buarque em o *Folhetim* (1979), vem legitimar o protótipo da mulher prostituta que não perpetua relações, mas que as desintegra no próximo momento, a cada página virada do programa. A possibilidade da desintegração e transitoriedade nos relacionamentos pode ser visualizada nesta notável canção que, de forma brilhante, retratou a maneira como a prostituta encara seus relacionamentos com os clientes. Chico Buarque, em *Folhetim* (1979), canta a mulher prostituta, que olha para seus encontros com cada um de seus

clientes como 'uma página virada do seu folhetim', ou seja, como encontros passageiros e fugazes que se vão tão logo terminar o compromisso firmado: 'uma noitada boa', 'uma coisa à toa' ou um 'corte de cetim'.

As canções buarquianas nos mostram a estreita ligação com os estudos de gêneros, uma vez que buscam romper com o dualismo homem-mulher e, sobretudo quando, mediante seu lirismo musical, Chico Buarque potencializa as narrativas de vida das mulheres brasileiras em suas canções. Estes aspectos encontram maior expressão se levarmos em conta que seu álbum título *Ópera do Malandro*, trilha sonora de espetáculo teatral com mesmo nome, lançado na década de 1970, coincide com o período auge de difusão dos estudos de gênero no país, contexto onde as mulheres passaram a serem retratadas tanto no âmbito das políticas públicas e nos debates acadêmicos quanto nas intercorrências sociais, econômicas e cotidianas.

Durante este período de insurgência dos estudos de gêneros no Brasil, importantes pesquisas e análises acadêmicas continuaram ainda centradas em um protótipo de mulher branca, de classe média e cientista/letrada, pouco abarcando as mulheres em suas multiplicidades. A matriz heteronormativa que delimitava os corpos segundo uma lógica binária, conforme bem salientou Butler (2003), mostrava-se muito atuante neste momento, enquanto as chamadas dissidências – sexuais, raciais, classistas e de gêneros – eram pouco problematizadas. Neste cenário de auge dos estudos de gêneros no país, também influenciado pelas ondas do Feminismo, Chico Buarque passou a perceber estas mulheres a partir de outro ângulo – revestidas de pleno poder de fala. Logo, estes corpos, outrora, considerados abjetos, passaram, neste momento, a serem o centro das poesias e dos lirismos buarquianos.

As mulheres prostitutas de Chico Buarque, conforme evidenciamos em Folhetim (1979), relatam seus prazeres corporais e discorrem sobre sexo e prazer sem se apresentarem imorais e perversas: 'Se acaso me quiseres, sou dessas mulheres que só dizem sim. Por uma noite à toa, uma noitada boa, um cinema, um botequim' (BUARQUE, 1979). Estas vozes consideradas transgressoras apresentam, mediante o lirismo poético buarquiano, tons de resistências e de subversão à ideia construída em torno da feminilidade hegemônica enquanto procriativa, dócil e passiva. Nos versos do compositor, é a mulher quem descarta o parceiro e o retira de sua história de vida, como o faz quando simplesmente vira a página de um folhetim: 'Mas na manhã seguinte, não conta até vinte, te afasta de mim. Pois já não vales nada, és página virada, descartada de meu folhetim' (BUARQUE, 1979).

Trata-se das páginas viradas pelas mulheres no âmbito das práticas sexuais pagas com seus clientes, isto é, relações fluídas, abrangentes, circulantes, mutantes e não encarceradas a um espaço fechado de eternização dos afetos, dos prazeres e das relações. As mudanças ocorridas nestas práticas são tão acentuadas que algumas delas nem são mais reconhecidas como sendo prostituição propriamente dita. São mudanças em vários aspectos deste relacionamento, que vão desde os locais onde acontecem os encontros aos sentimentos e desejos que os mobilizam e os sentidos vividos com os parceiros e parceiras. O antigo e rigoroso confinamento em casas de prostituição e zonas do meretrício vem sendo rompido e, hoje, é possível encontrar pessoas se oferecendo sexualmente em troca de dinheiro em ruas, bares, restaurantes, boites e, principalmente, na internet.

Analogamente, as práticas sexuais estabelecidas neste tipo de relacionamento se

tornaram mais flexíveis. Os sentimentos também se tornaram mais maleáveis, existindo, hoje, mulheres que se permitem sentir prazeres e terem orgasmos nas relações sexuais com seus parceiros, conforme evidenciamos nos relatos de Luana e em outras mulheres entrevistadas durante esta pesquisa. Tais aspectos são também cunhados por Piscitelli (2013), ao afirmar que antigas formas de prostituição no ocidente teriam se transformado rapidamente nos últimos anos, onde as fronteiras entre produção e consumo se mostram, cada vez mais, fragmentadas com o aumento de trabalhos em tempo parcial e temporários e com a difusão do sexo enquanto atividades de lazer no âmbito do mercado dos prazeres. Em paralelo, a autora ainda destaca o que, segundo ela, seria um novo paradigma dentro do contexto da prática sexual remunerada – o estabelecimento de encontros com clientes mediados pelas tecnologias via uso de celulares e internet – fato corroborado em muitos outros estudos, como os de Pasini (2005).

Os casos em que relatamos colocam em evidência a complexidade deste fenômeno nos dias atuais e a sua proximidade com os modos de viver e de se relacionar afetiva e sexualmente que antes eram considerados opostos. Juliana e Luana vivem tal como tantas outras mulheres ou jovens: possuem emprego com carteira assinada ou, no caso de Luana, é proprietária de um pequeno empreendimento e *blogueira* de sucesso, de onde também retira uma renda; namoram, convivem com familiares e amigos; estão abertas para eventual casamento ou relacionamentos tidos como estáveis. Enfim, fazem tudo o que as mulheres e as jovens de suas respectivas idades fazem; apenas adicionam em suas vidas e experiências mais essa experiência de fazer sexo em troca de dinheiro e de terem autonomia de seus corpos e reivindicarem direitos de serem mulheres, prostitutas e cidadãs.

Os termos 'prostitutas', 'garotas de programa' ou até 'acompanhantes', com toda a carga semântica que possuem, não se aplicam a elas, se é que se apõem adequadamente a alguma mulher que faz sexo em troca de dinheiro. Aliás, até a expressão 'sexo em troca de dinheiro' também não é adequada, porque, embora cobrem pelos 'programas' não é somente isso que caracteriza seus encontros com seus parceiros sexuais. A palavra 'clientes' também não é de todo adequada, tanto é que nenhuma delas as utiliza: Juliana chama seus 'clientes' de 'amigos' e Juliana de “meninos”.

Sendo assim, entendemos que esse extenso campo de relacionamentos é como marcado por muitas diferenças a uma tipologia, conforme acentua Fonseca (1996). Em nossa pesquisa, encontramos relatos de mulheres que se assumem como prostitutas e que dizem terem se iniciado nesta prática e nela se mantiveram por questões financeiras e/ou como estratégia de sobrevivência; outros relatos e situações em que mulheres bem vestidas, demonstrando boa formação escolar e muito parecidas com qualquer jovem universitária de classe média relataram que fazem sexo por dinheiro como forma de complementar sua renda e ampliar suas possibilidades de consumo, dentre tantas outras narrativas, nas quais nos deparamos ao longo desta pesquisa.

Consideramos pertinente abarcar os atuais relacionamentos travados no universo da prostituição a partir de novos paradigmas das relações, baseados na convergência de interesses e necessidades sempre negociados e não em pressupostos sentimentais voltados às promessas de relacionamentos amorosos e sexuais de eternidade e de determinada fidelidade, conforme evidenciado em Giddens (1993). Este tipo de entendimento diverge dos modelos relacionados à prostituição, por não se colocar o dinheiro e a sexualidade como cerne principal da relação,

englobando outros acordos, em que o fator monetário poderá ser variável ou, até mesmo, dispensado, e onde o sexo, igualmente, poderá ser deixado de lado apenas para fins de conversa e de atenuar eventuais mágoas e decepções amorosas de muitos homens em suas relações interpessoais e de casamentos monogâmicos heteronormativos.

Em suma, a maioria das pesquisas reconhece a diversidade do mundo da prostituição e até busca traçar uma tipologia deste contexto, mas muitas delas não ousam diluí-las no conjunto dos relacionamentos amorosos e sexuais. No fundo, acabam reiterando a célebre dicotomia entre a santa e a puta, porém, em vez de eleger um grupo de mulheres como santas e outro como putas, como se fazia antes, agora, a santa e a puta são colocadas na própria figura da prostituta, que é puta – quando faz sexo por dinheiro e se recusa a viver afetos e sentimentos com cliente e também compartilhar seu corpo inteiro, sem restrições – e santa – nos seus demais relacionamentos, fora do mundo da prostituição, quando se entrega inteiramente de corpo e alma a um parceiro fixo e associado a fins procriativos e constituintes de famílias tradicionais.

Assim, a tendência à universalização e aos reducionismos limita as problematizações a respeito do complexo cenário das relações de gêneros e das sexualidades do qual faz parte a assim chamada prostituição feminina. Tais aspectos abrem precedentes para problematizarmos os discursos hegemônicos que se disseminam, a partir da imagem básica da prostituta, olhares sobre as sexualidades e as mulheres com comportamentos tidos dissidentes enquanto seres patologizantes, criminalizadores, vitimizadores e, deveras, racionalizadores. O que queremos dizer com tudo isso é que a prostituição na chamada pós-modernidade tem repercutido seus traços típicos na sociedade, sobretudo quando pensamos na sua relação com o tempo-

espaço, mediante os processos de resistências femininas ao que, ao longo de muito tempo, fora considerado o padrão universal de mulher – centrado na vida privada, no casamento e na reprodução.

### Considerações Finais

Assim como Juliana e Luana, personagens centrais deste nosso estudo, existem muitos outros processos de subjetivação feminina no contexto da prostituição, diferentemente de outras épocas nas quais a figura e a vida das chamadas prostitutas eram bem delimitadas, definidas e homogêneas. No universo das mulheres que entrevistamos, do qual foram retirados apenas dois casos, existem muitas mulheres que fogem daquela figura convencional da prostituta – pobre, negra, dependente de drogas ou álcool, que frequenta boites de beira de estrada, casas noturnas ou que fazem pontos em determinadas ruas da cidade. São muitas as mulheres – jovens ou com idade mais avançada, que possuem emprego ou profissão convencional, que moram com a família ou são casadas, que possuem uma renda estável e que podem ser classificadas como pertencendo ao segmento de classe média – conforme já havia salientado Fonseca (1996).

Com este estudo mostramos que a chamada prostituição na pós-modernidade pode ser percebida tão somente como mais uma possibilidade dentre tantas outras formas de relacionamentos negociados e marcados pela confluência de interesses, necessidades, desejos e, também, de prazeres, mesmo que, ainda hoje, estes sejam considerados socialmente dissidentes. Assim como as outras maneiras de se relacionar, na prostituição, o compromisso se encerra quando a finalidade, o tempo e outros elementos negociados são atingidos ou obtidos. Não há a obrigação de continuidade ou preservação da relação para além daquilo

que foi negociado. Cada uma traz em si as especificidades decorrentes dos desejos e/ou interesses e da negociação que foi previamente feita entre parceiros, a chamada 'página virada', proposta por Chico Buarque em *Folhetim* (1979), e o 'não ser de ninguém e todo mundo ser seu também', retratado na canção de os Tribalistas (2002).

Com isso, é possível abolirmos palavras e expressões carregadas de sentidos pejorativos e, ainda, que não traduzem exatamente as diferentes formas de relacionamentos entre um chamado cliente e uma chamada prostituta e toda a carga semântica e abjeta dela decorrente. Deste modo, insistimos em categorias tradicionais para se entender a chamada prostituição nos dias atuais é ignorarmos tantas outras profundas mudanças que ocorreram nesse campo, quanto também é desconhecemos as mudanças presentes na relação espaço-tempo que afetaram todos os tipos de relacionamentos, incluindo os amorosos, os afetivos e os sexuais até esse momento atual.

É ignorarmos, ainda, que a chamada prostituição não se trata de um tipo de relacionamento à parte dos outros, mas sim, que compartilha das mesmas bases sociais, culturais e psicológicas, inclusive políticas, imersas em relações que, em nossos dias, tendem a ser estabelecidas pela confluência de interesses múltiplos e não mais estritamente relacionadas à questão financeira e de classe social, embora, possam encontrar nela importante respaldo. Logo, falamos da insurgência de um panorama mais geral da prostituição na chamada pós-modernidade, voltada ao seu desaprisionamento tradicional, bem como do desaprisionamento da própria sexualidade e da feminilidade e que, nesse sentido, as mulheres vinculadas a esta prática devem ser reconhecidas enquanto mulheres de direitos e de acesso à cidadania.

## Referências

ANDRADE, Luciana Teixeira de; TEIXEIRA, Alexandre Eustáquio. A Territorialidade da Prostituição em Belo Horizonte. **Cadernos MetrÓpole**, n. 11, p. 137 - 157, jan/jun.2004.

ANTUNES, Arnaldo; BROWN, Carlinhos; MONTE, Marisa. **Tribalistas**. Gravadora Phonomotor Records, 2002.

Boletim da Pastoral de Apoio à Mulher da Região Sul. **Mulher da vida é preciso falar**. (Boletim). Lajes. n.47. Jan–Abr, 1998.

BRAIDOTTI, Rosi. **Sujetos nómades**. Buenos Aires: Paidós, 2000.

BUARQUE, Chico. **Ópera do malandro**. Polygran, 1979.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CNBB – Estudos. **Prostituição – desafio à sociedade e à igreja**. São Paulo: Edições Paulinas, 1976.

CNBB – Setor Pastoral Social. **O grito dos excluídos**. Petrópolis: Editora Vozes, 1995.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FONSECA, Cláudia. A dupla carreira da mulher prostituta. **Estudos Feministas**, n.1, p. 07-33, jan/jun.1996.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**.

Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora da UNESP, 1993.

HARAWAY, Donna. **Ciencia, cyborgs y mujeres: La reinvencción de la naturaleza**. Madri: Ediciones Cátedra, S. A., 1995.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 2010.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In HOLLANDA, Heloisa (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206-242.

LEITE, Gabriela. **Filha, mãe, avó e puta: a história de uma mulher que decidiu ser prostituta – em depoimento a Marcia Zanelatto**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

OLIVAR, José Miguel Nieto. **Devir puta: políticas da prostituição de rua na experiência de quatro mulheres militantes**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

OSBORNE, Raquel (Org). **Trabajador@s del sexo: derechos, migraciones y tráfico em siglo XXI**. Barcelona: Bellaterra, 2004.

PASINI, Elisiane. Limites simbólicos corporais na prostituição feminina. **Cadernos Pagu**, n. 14. p.181 - 200, 2000.

PEREIRA, Carolina Machado Rocha Busch. **Geografias de mundo reveladas nas canções de Chico Buarque**. 2013. Tese.

(Doutorado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, USP, São Paulo – SP.

PERES, Wiliam Siqueira. Psicologia e políticas queer. In TEIXEIRA-FILHO, Fernando Silva; PERES, Wiliam Siqueira et al. **Queering: problematizações e insurgências na Psicologia Contemporânea**. Cuiabá: EdUFMT, 2013, p. 55 - 63.

PISCITELLI, Adriana. **Trânsitos: brasileiras nos mercados transnacionais do sexo**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

PRECIADO, Beatriz. **TESTO Yonqui**. Madrid: Espasa Calpe, 2008.

PRECIADO, Beatriz. Multidões queer: notas para uma política dos ‘anormais’. **Revista Estudos Feministas**, n. 01, p. 11 - 20, 2011.

SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

ZIGA, Itziar. **Devenir perra**. Barcelona: Melusina, 2009.

Recebido em 16 de abril de 2014.  
Aceito em 28 de junho de 2014.